

Variações sobre Rubem Alves

A liturgia do ensino: a espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves

The Liturgy of Teaching: Spirituality in Reflections on Education by Rubem Alves

Gerson Lourenço Pereira¹
gersonlourenco2000@yahoo.com.br

Resumo: Partindo de algumas reflexões de Rubem Alves sobre a prática educativa, contidas nos livros *Por uma educação romântica* (2012) e *Lições do velho professor* (2013), é possível perceber que além da preocupação patente com o ensino e aprendizagem, existe uma profunda espiritualidade subjacente. Tal percepção inspira a apreensão desses textos para uma devoção litúrgica celebrada nos espaços laicos das salas de aula, das reuniões pedagógicas, dos fóruns dedicados à discussão das políticas de educação. O presente artigo pretende alcançar em Rubem Alves, além da teopoética característica em sua produção literária; a teopedagogia poética, que atualiza a revelação divina, em tons de poesia/arte, na secularidade/laicidade da prática educativa.

Palavras-chave: Rubem Alves. Espiritualidade. Teopedagogia poética

Abstract: Starting from Rubem Alves's reflections on educational practice in the books *Por uma educação romântica* (2012) and *Lições do velho professor* (2013), it is possible to realize that besides the obvious concern with teaching and learning, there is a deep underlying spirituality. This perception inspires the apprehension of these texts for a liturgical devotion celebrated in the spaces of the classrooms, the pedagogical meetings, forums dedicated to the discussion of education policies. The present article intends to reach in Rubem Alves, besides the characteristic theopoetic one in its literary production; the poetic theopedagogy, which actualizes the divine revelation, in tones of poetry / art, in the secularity / secularity of the educational practice.

Keywords: Rubem Alves. Spirituality. Poetic Theopedagogy

¹ Doutor em teologia (PUC-Rio). Mestre em teologia (PUC-Rio). Bacharel em teologia (Centro Universitário Bennett – Rio de Janeiro). Licenciado em Ensino Religioso (Universidade Cândido Mendes). Professor Convidado do Seminário Metodista César Dacorso Filho (Rio). Professor da Rede de Educação do Município de São João de Meriti (RJ).

Introdução

Interessante tematizar o pensamento de Rubem Alves! Pergunto-me se ele próprio concordaria em ser o “objeto de estudo” de mentes acadêmicas curiosas... Talvez não, caso a pretensão fosse, tão somente, formular “teorias alvesianas” como flores raras a serem apreciadas em jardins fechados por grupos seletos. Por outro lado, creio que o alegraria saber que suas intuições são fonte de inspiração para uma gama considerável de pessoas apaixonadas, dentro e fora das academias, que saem a exalar e propagar a doce fragrância do mistério inefável contido em seus escritos.

Tive a oportunidade de presenciar o Professor Jether Pereira Ramalho, um de seus grandes amigos, apresentá-lo em duas ocasiões. A primeira, no ano de 2003, no templo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Copacabana, Rio de Janeiro. Rubem completara 70 anos de idade e, encarregado de trazer a homilia na celebração de seu aniversário, foi, por seu grande amigo, comparado a um jardineiro que encanta e se encanta com a beleza das flores.

Alguns anos mais tarde, também no Rio de Janeiro, no lançamento de um de seus livros no auditório do Centro Universitário Bennett, com um pouco mais de tempo para falar a seu respeito, Jether Ramalho chamou a atenção para a abrangência do pensamento de Rubem Alves, comparando-o a um caleidoscópio. Em cada texto e reflexão existe uma face distinta que revela o Rubem teólogo, filósofo, psicanalista, educador...

Beleza, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Seriam boas definições para ele? Quem sabe uma boa hipótese para discutirmos como “tipificação do pensamento alvesiano”. Todavia, o que procuro neste artigo é ressaltar a essência encantadora, a espiritualidade presente nas reflexões específicas em torno da educação, tema que possivelmente o tornou reconhecido nos ambientes extra eclesiais. Independente do Rubem revelado, a forma fascinante como descreve e discorre sobre tantos assuntos, sempre ressaltando a beleza e o gosto pela vida, evidenciam um profundo encantamento ou forte impulso proveniente de uma experiência mística. Aquele “enigma” do qual se referiu como presente no fenômeno religioso (ALVES, 2008).

Partindo de algumas reflexões sobre a prática educativa, contidas nos livros *Por uma educação romântica*(2012) e *Lições do velho professor*(2013), é possível perceber que além da preocupação patente com o ensino e aprendizagem, há uma profunda espiritualidade subjacente. Tal percepção inspira a apreensão desses belos textos com devoção litúrgica celebrada nos espaços laicos das salas de aula, das reuniões pedagógicas, dos fóruns dedicados à discussão das políticas de educação.

Toda devoção litúrgica acontece no tempo, no espaço e em perspectiva comunitária. Dessa forma, os referidos textos são saboreados. Em primeiro lugar, de forma epocal, quando a reflexão, o questionamento e a crítica se tornam prementes. Em segundo lugar, no espaço formal, informal e individual (dimensão da corporeidade humana) para prática do aprendizado. Em terceiro e último lugar, junto a quem comunga das angústias e prazeres no labor pedagógico, sejam alunos, professores, agentes educativos, pessoas encantadas pelo ensino.

Embora nunca o tenha conhecido pessoalmente, Rubem Alves esteve sempre presente nas minhas jornadas como alguém bem próximo, familiar. Desde a minha adolescência, quando fui apresentando ao livro *Creio na ressurreição do corpo* (2003), mantenho profunda empatia pelo que ensinou. Esse sentimento empático me enche de gratidão por ter sido uma fonte de inspiração, que me acompanhou ao longo do exercício do Ministério Ordenado na Igreja Metodista por 18 anos, e por animar-me hoje a persistir diante dos dilemas e dificuldades na prática educativa na rede pública de ensino.

Assim sendo, pretendo alcançar em Rubem Alves, além da *teopoética* característica em sua produção literária; a *teopedagogia poética*, que atualiza a revelação divina, em tons de poesia/arte, na secularidade/laicidade da prática educativa. Perpassarei três etapas: na primeira buscarei a compreensão dos conceitos norteadores *espiritualidade* e *liturgia*; na segunda, tracejarei as características da espiritualidade alvesiana; e na terceira, identificarei essa espiritualidade nos textos selecionados sobre educação.

Compreendendo os conceitos

Quais são as concepções que utilizo de *espiritualidade* e *liturgia* para o propósito deste trabalho? Em um primeiro momento tendemos associar os dois vocábulos ao campo institucional religioso, como expressões patenteadas, através dos dogmas e tratados teológicos, pelas igrejas. Contudo, o que tenho em vista são ideias que, mesmo partindo de reflexões de cunho teológico, rompem com essa espécie de “privatização” promovida pelas estruturas eclesiais.

A busca pela compreensão do termo *espiritualidade*, nessa perspectiva, faz-me recorrer à ideia de “momento religioso da consciência” (Alves, 2008, p. 118) como o ponto de partida para a construção da religião, sendo a reversão da visão limitada para outra transcendente, direcionada a horizontes mais amplos e criativos. Como fenômeno, se relacionaria ao momento específico que foge à racionalidade, adentra o âmbito do inefável e

indescritível. Provoca o fascínio e, paradoxalmente, o medo. Rudolf Otto (2007) conceituou como “numinoso” (sagrado para muitos), vivo em todas as organizações religiosas, bem como fora das mesmas.

Reside neste ponto a importante distinção entre os sistemas, ou organizações religiosas, e a fenomenologia. Um é o entendimento do que Peter Berger (1985, p. 192) designou como projeção ou produto humano, a forma sociológica, visível da religião. Outra é a apreensão do aspecto “energético” na experiência com o “numinoso” que aciona a psique despertando o zelo e o dinamismo “na prática ascética, no empenho contra o mundo e a carne, na excitação a eclodir em atuação heróica” (Otto, 2007, p.55).

A *espiritualidade* parte dessa experiência de fascínio diante da realidade misteriosa (ou numinosa). Segundo Leonardo Boff (2005, p. 39-40), como ato contínuo da experiência, vem o desenvolvimento da fé que sustentará a crença nesse mistério nomeado, resultando no envolvimento total do ser humano, gerando energia, sentido e vitalidade. Seria o “viver segundo a dinâmica profunda da vida” (Boff, 1993, p. 139).

Assim concebida, a *espiritualidade* não se traduzirá apenas em rituais programados nos espaços preestabelecidos como sagrados. Quase que invariavelmente tal preestabelecimento provoca um condicionamento psicológico da pessoa devota, vinculando-a a lugares específicos. Por outro lado, será que o mesmo fascínio e temor não se manifestariam no dia-a-dia, nos tempos e espaços comuns? Sim, e de forma transbordante!

Quando passamos a nos referir a formas e espaços de expressão da *espiritualidade* e da fé, entramos no âmbito da celebração, no campo da *liturgia*. Uma vez seguindo algumas ideias de Nelson Kirst, esta seria a troca de mensagens verbais, imagéticas, sensoriais entre a comunidade e Deus (Mistério) (2000, p.15). **Acontece no tempo, espaço e em dimensão comunitária!**

Que comunidade seria essa? Necessariamente uma comunidade religiosa? Considerarei o sentido etimológico do viver e do ter *em comum*. Dietrich Bonhoeffer nomeia a Igreja como “uma realidade da fé”, ou seja, como a comunidade de amor vivido a partir da fé em Cristo, direcionado ao outro (1980, p. 124-125). Lugar onde se vive com e para os outros, a serviço do próximo, porém, ainda assim continuaria sendo uma comunidade nomeada de forma religiosa.

Entretanto, o mesmo Bonhoeffer idealizou a Igreja concreta como uma realidade mundana resultante da encarnação de Cristo, desvinculada dos discursos religiosos, presente sem qualquer tintura institucional, não religiosa (1974, p. 81). Algo que me permite ampliar o sentido de comunidade, estendendo a todo agrupamento que viva a experiência da comunhão

pela partilha dos sonhos, da solidariedade, da esperança. Que viva o mistério da encarnação mesmo sem professá-lo.

Essa é a comunidade litúrgica que celebra no tempo e espaço da vida (Duchesneau, 1977, p. 109); que vive no cotidiano e na trivialidade da existência a presença fascinante, fonte de vida e inspiração, animada pela força misteriosa para seguir adiante, mesmo que a realidade se apresente caótica e desesperançada.

Essa mesma comunidade que celebra a *liturgia* da vida, o faz cultivando a expectativa de um mundo melhor, transformado. É, pois, instada a cultivar os sonhos e anseios do futuro escatológico, animada pela esperança. (Maraschin, 1996, p. 91). Nesse espaço litúrgico da vida, a dinâmica observada será a do envolvimento com o mistério, suscitando o amor, a fé e a confiança no triunfo desse mesmo sentimento. Nas palavras do nosso Jardineiro, o amor resultante dessa dinâmica “tangencia o mundo das esperanças mágicas” (Alves, 1982, p. 141), alimentando os sonhos de transcendência.

Como Rubem Alves nos ensina então a celebrar a vida? Passarei para a próxima etapa destacando os traços inspiradores de sua espiritualidade.

Aprendendo com a espiritualidade de Rubem Alves

Alves traduziu magistralmente, por meio de suas reflexões, o sentido de *espiritualidade* enunciado acima. Diante dos grandes desafios da existência, soube captar a beleza trazendo o otimismo, apontando horizontes. Segundo a leitura que fez sobre Feuerbach, chegou a afirmar que a religião, enquanto fenômeno nascido da subjetividade, seria um sonho da mente humana (2012, p. 96). Eu diria, o alimento das utopias.

Seu olhar encantado da realidade sempre se mostrou preñado de esperança. Escreveu o que vivia, sendo sua trajetória, tramas e narrativas classificadas como *poética da existência* (Silva, 2014). Correspondendo ao princípio de que a poesia se vive, se experimenta, elaborou pérolas *teopoéticas* que libertam o espírito de uma expectativa malograda do mundo, alimentando essa esperança. Identifico esse eixo em três perspectivas que partilho a seguir.

Envolver-se pela *espiritualidade alvesiana* implica em sentir-se convidado, em primeiro lugar, a **celebrar a esperança na vida**. Tal como Bonhoeffer, Rubem e alguns de sua geração identificaram que a essência religiosa havia se perdido nas instituições, sendo necessária a busca da Igreja no mundo. Nessa perspectiva, o que o texto bíblico paulino afirma sobre “a ardente (dramática) expectativa da criação pela manifestação dos/as filhos/as de Deus” (Romanos 8.19) recebe o sentido da esperança de transformação da realidade.

Dessa maneira concebeu a Igreja, latente (Tillich, 1987, p. 502), como comunidade de sonhadores, “aqueles que já experimentaram o aperitivo de um mundo novo” (Alves, 2003, p. 73).

Essa mesma comunidade de sonhadores desejada por Rubem, que celebra **na vida**, também é animada por sua espiritualidade a **celebrar a vida com esperança**. Esse trocadilho não é mero jogo semântico, mas o apelo ao direcionamento do olhar para a realidade, não deixando que escape pelo demasiado anseio escatológico. Por mais que nutra as utopias, importa “andar no céu com o pé no chão” (Mesquita, 1988).

Descobrimos as raízes sociais de nossa religião... Horizontes se tornam diferentes... A nova visão do nosso espaço, nosso tempo e nossas vidas revelou-nos uma Bíblia que estivera oculta... Que descoberta foi perceber que os homens da Bíblia se sentem em casa no mundo! (Alves, 2008, p.13)

Finalmente, aprende-se com a mesma espiritualidade a **celebrar engajado profeticamente na vida**. Isto equivale à ousadia bonhoefferiana de “agarrar valentemente a realidade” (Bonhoeffer, 2003), desfazendo a dicotomia marcante do protestantismo histórico de missão entre o mundo e o celestial. Na *liturgia da vida* cabe a arte de enxergar o óbvio e anunciar denunciando: “Profetiza. Invoca os sonhos das vítimas... Chama pelos seus nomes os desejos. Os demônios fugirão, e a vida voltará...” (Alves, 1983, p.47). Numa palavra: experimentar a transformação do sonho numa realidade comunitária!

Celebrando a **esperança na vida**, a **vida com esperança** e **engajado profeticamente** apreendemos com espiritualidade de Rubem Alves a levar a doçura aos fatos amargos da existência. Caminharei para última etapa trazendo um pouco desse doce sabor em algumas de suas reflexões a respeito da prática educativa.

Saboreando a espiritualidade de Rubem Alves na educação

Esperança é um termo chave da educação, sobretudo se concebida como caminho para a liberdade, autonomia e ousadia, tal qual sonhou Paulo Freire, o patrono da educação brasileira. A propósito, ele mesmo, visando o cumprimento do verbo *esperançar*, distinguindo a espera passiva da compromissada com a transformação da realidade, declarou: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (2011, p. 14).

Creio que além de Rubem Alves, Paulo Freire também atuou com profunda espiritualidade na educação. Esperançosamente, com teimosia, acreditou no potencial

transformador do processo de aprendizagem sobre a consciência das pessoas. Não seria essa uma das características do místico e do profeta: a insistência em proclamar a mensagem de denúncia e libertação?

Por um lado, contamos com a santa teimosia de Paulo Freire. Por outro, somos brindados com a *teopedagogia poética* de Rubem Alves que nos leva a *esperançar* através de inquietantes, sugestivos e saborosos textos de espiritualidade voltados para a educação. São reflexões que provocam o reencantamento sobre quem teima em não desanimar frente à aridez de contextos marcados por inúmeras carências. Sobre aqueles/as que se sentem desafiados nos os espaços formais de ensino inseridos em comunidades onde imperam a violência, o abandono, a negligência.

Falo como uma dessas pessoas, partindo do lugar em que atuo como professora Educação Básica desde 2012, o CIEP Municipalizado 378 Thereza Peixoto Gonçalves, situado no Morro Santa Helena, em São João de Meriti, Rio de Janeiro. Ambiente onde os esforços da equipe pedagógica persistem, apesar do espectro negativo de um insano projeto de “escola sem partido”! Cenário de perdas de crianças e adolescentes para a violência urbana, que disputa conosco o alcance dessas vidas. Casa de resistência que cultiva a memória de mártires como Marielle Franco, que se inspira nas possibilidades libertadoras da educação.

É desse lugar, dessa casa, desse santuário dedicado à arte de ensinar e aprender, inserido em tal realidade, que acolhemos como *devotos da esperança* a *teopedagogia poética* de Rubem Alves. Fiz a opção pela análise de três textos, correspondendo às três perspectivas litúrgicas: celebrar a esperança, com esperança e profeticamente.

a) Celebrando a esperança – Sonhos(*Lições do velho professor*, p. 23-24)

O livro *Lições do velho professor*(2013) reúne uma série de crônicas que Rubem escreveu em diferentes épocas, versando sobre um leque variado de ideias a respeito da prática educativa. Não é possível, nesta obra, estabelecer uma evolução do pensamento alvesiano nessa área, mas (como em boa parte dos seus escritos) sermos apresentados ao panorama amplo do seu pensamento, captando assim os traços de sua espiritualidade.

Desta coletânea de 85 textos (!), selecionei inicialmente a reflexão intitulada *Sonhos*, publicada exclusivamente neste volume. Bem mais do que experiências vividas, Rubem Alves apresenta como função primordial do educador “encorajar o aluno a ter ousadia de trilhar caminhos desconhecidos” (2013, p. 23).

Como é inquietante paraos/as educadores/as a incerteza dos rumos que os alunos tomarão em suas vidas! A despedida nas formaturas, que finalizam os ciclos de ensino, muitas vezes são experiências angustiantes por serem imprecisos seus futuros caminhos. No entanto, assumir o papel de fomentador dos sonhos, sendo o educador mesmo um sonhador, reacende a esperança da função libertadora da educação.

Incentivar o sonho é, pois, celebrar a **liturgia da esperança**, apontando para o futuro escatológico, não como o *temível Dia do Senhor*, e sim como *novo céu e nova terra*. Em termos concretos, indicar o caminho da superação das violências, do exercício da justiça, do reinado do amor. Este último, seria o vínculo que impulsiona de forma poderosa os processos de transformação da realidade a partir de nós mesmos. Conforme Rubem nos chama a atenção: “Nós somos aquilo que amamos” (Alves,2003, p. 17).

Como amante sonhador, Alves encerra a reflexão com sabedoria inspiradora:

É isso que desejo fazer agora que sou velho. Não ensinar o que sei. Não ensinar o que não sei. Quero falar sobre o destino da galera, essa terra em que vivemos. E que destino mais belo pode haver que o sonho de Bachelard: “o universo tem, para além de todas as misérias, um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o paraíso”. (2013, p.24)

Tenho consciência da dificuldade em celebrar a esperança, mantendo-se com os lábios sorridentes ante a falta de material didático, merenda, malversação das verbas públicas destinadas à educação. Muitas vezes reencontrar o paraíso não depende tanto assim da gente. Mas o imperativo é não permitir que a esperança arrefeça, mas se aqueça. Tudo começa com um sonho.

b) Celebrando com esperança – Gaiolas ou asas? (Por uma educação romântica, p. 29-32; Lições do velho professor, p. 93-96)

Reunindo também uma série de crônicas e reflexões sobre educação, em número menor, *Por uma educação romântica*(2012) foi editado no ano anterior ao *Lições o velho professor* (2013).A peculiaridade dessa antologia concerne ao fato de ter sido a primeira a ser publicada em Portugal, apresentada por Ademar Ferreira dos Santos, então Diretor do Centro de Formação Camilo Castelo Branco. Desta obra, selecionei o conto *Gaiolas ou asas?* e *O canto do galo*,que ilustrará a perspectiva litúrgica seguinte. Ambos estão também incluídos em *Lições*.

Gaiolas ou asas? parte do aforismo “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas” (2012, p.29). Claramente Rubem comunga com a proposta de uma educação para a liberdade, que incentive a autonomia e o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. Porém, a realidade constatada por ele em salas de aula do ensino médio na periferia, evidenciou o sofrimento de professores que relatavam o desrespeito, o horror e o medo diante da indisciplina dos alunos. (2012, p. 30).

O dilema imposto aos docentes em cumprir a burocracia dos programas pedagógicos em confronto com o desinteresse dos alunos, fez o referido aforismo brotar, atentando para o encarceramento de quem ensina e quem aprende.

Na busca por asas e não gaiolas, Rubem defende que além de “ferramentas”, associadas ao conhecimento; em um “programa educacional do corpo”, os alunos aprendessem “brinquedos”, que dão prazer e alegria à alma.

Ferramentas e brinquedos não são gaiolas. São asas. Ferramentas me permitem voar pelos caminhos do mundo. Brinquedos me permitem voar pelos caminhos da alma. Quem está aprendendo ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade, não fica violento. Fica alegre, vendo as asas crescerem... Assim, todo professor, ao ensinar, teria que perguntar: “Isso que vou ensinar é ferramenta? É brinquedo?”. Se não for, é melhor deixar de lado. (2012, p. 32)

A relação desta reflexão com a celebração esperançosa da vida rememora a dinâmica da fé. Segundo Paul Tillich (1985), tudo aquilo que investimos, tudo em que confiamos e a nossa principal preocupação é compreendido como fé. Através do olhar alvesiano, seria crer profundamente e ser sacudido por essa crença.

Esperançar escolas que sejam asas, que ensinem “ferramentas” e “brinquedos” significa conceber fervorosamente modelos revolucionários de ensino, como os reformadores religiosos conceberam estruturas renovadas e arejadas para o exercício menos engessado da espiritualidade. Talvez implique no rompimento com as estruturas, até mesmo com as grades curriculares (nomeação infeliz e ao mesmo tempo sugestiva!). Um verdadeiro ato herético, escapando da ortodoxia pedagógica.

Concluindo o texto, Alves observa o crescimento do número de escolas e de alunos matriculados. Mas indaga se tais informações correspondem a asas ou gaiolas, e declara: “Mas eu sei que há professores que amam o voo dos seus alunos. Há esperança...” (2012, p. 32). A espiritualidade aqui expressada leva o educador a louvar a vida, pela arte do ensino, esperançosamente, com sonhos de liberdade.

c) **Atuando profeticamente – O canto do galo** (*Por uma educação romântica*, p. 103-107; *Lições do velho professor*, p. 192-195)

Não sei precisar em que ocasião Nelson Rodrigues definiu a ação profética como a decifração da realidade patente: “Só os profetas enxergam o óbvio”. Mas reconheço sua relevância para o entendimento da esperança profética animada pela espiritualidade de Rubem Alves.

A experiência de fé que nos insta a celebrar a esperança e esperançosamente, nos inspira à celebração da vida corajosamente, denunciando a partir do anúncio contrário aos sinais de injustiça, opressão, desumanidade. Contudo, muitas vezes tais sinais são evidentes, claros, mas nem sempre discernidos com o olhar crítico. A educação, que deveria ser a portadora por excelência de tal discernimento, acaba obscurecendo suas lentes, alienando-se dos influxos negativos e refratários, impostos pelo mercado, que ela mesma sofre nos sistemas de ensino.

O canto do galo, publicado nas duas coletâneas, representa a tentativa de Rubem Alves em tratar da obviedade de um tema recorrentemente ignorado pelas escolas e universidades: a exigência por produtividade acadêmica e rendimentos em escala industrial. Ele introduz o texto propondo uma parábola que se lhe apareceu como uma imagem, sujeita a todos os riscos (2012, p. 104).

Curiosamente, a utilização do gênero parabólico foi bastante observada pela tradição profética, no Antigo Testamento, bem como pela tradição rabínica e por Jesus, no Novo Testamento. Em sentido etimológico, *parábola* é uma comparação, podendo ser uma história, um provérbio, um enigma, uma charada, uma sentença. (Born, 1992, p.1112). Sua intencionalidade era conduzir indivíduos e comunidades à reflexão.

Procedendo dessa forma, com uma pitada de ironia, Rubem questiona as exigências no meio acadêmico. Optei por não parafrasear, reproduzindo integralmente a parábola:

Era uma vez um granjeiro. Era um granjeiro incomum, intelectual e progressista. Estudou administração, para que sua granja funcionasse cientificamente. Não satisfeito, fez um doutorado em criação de galinhas. No curso de administração, aprendeu que, num negócio, o essencial é a produtividade. O improdutivo dá prejuízo; deve, portanto, ser eliminado. Aplicado à criação de galinhas, esse princípio se traduz assim: galinha que não bota ovo não vale a ração que come. Não pode ocupar espaço no galinheiro. Deve, portanto, ser transformada em cubinhos de caldo de galinha.

Com o propósito de garantir a qualidade total de sua granja, o granjeiro estabeleceu um rigoroso sistema de controle da produtividade de suas galinhas. “Produtividade de galinhas” é um conceito matemático que se obtém dividindo-se o número de ovos botados pela unidade de tempo escolhida. Galinhas cujo índice de produtividade fosse igual ou superior a 250 ovos por ano podiam continuar a viver na granja como galinhas poedeiras. O granjeiro estabeleceu, inclusive, um sistema de “mérito galináceo”: as galinhas que botavam mais ovos recebiam mais ração. As galinhas que botavam menos ovos recebiam menos ração.

As galinhas cujo índice de produtividade fosse igual ou inferior a 249 ovos por ano não tinham mérito algum e eram transformadas em cubinhos de caldo de galinha.

Acontece que conviviam com as galinhas poedeiras, galináceos peculiares que se caracterizavam por um hábito curioso. A intervalos regulares e sem razão aparente, eles esticavam os pescoços, abriam os bicos e emitiam um ruído estridente e, ato contínuo, subiam nas costas das galinhas, seguravam-nas pelas cristas com o bico e obrigavam-nas a se agachar. Consultados os relatórios de produtividade, verificou o granjeiro que isso era tudo o que os galos – esse era o nome daquelas aves – faziam. Ovos, mesmo, nunca, jamais, em toda a história da granja, qualquer um deles botara. Lembrou-se o granjeiro, então, das lições que aprendera na escola, e ordenou que todos os galos fossem transformados em cubos de caldo de galinha.

As galinhas continuaram a botar ovos como sempre haviam botado: os números escritos nos relatórios não deixavam margens a dúvidas. Mas uma coisa estranha começou a acontecer. Antes, os ovos eram colocados em chocadeiras e, ao final de vinte e um dias, eles se quebravam e de dentro deles saíam pintinhos vivos. Agora, os ovos das mesmas galinhas, depois de vinte e um dias, não quebravam. Ficavam lá, inertes. Deles não saíam pintinhos. E, se ali continuassem por muito tempo, estouravam e de dentro deles o que saía era um cheiro de coisa podre. Coisa morta.

Aí o granjeiro científico aprendeu duas coisas:

Primeiro: o que importa não é a quantidade dos ovos; o que importa é o que vai dentro deles. A forma dos ovos é enganosa. Muitos ovos lisinhos por fora são podres por dentro.

Segundo: há coisas de valor superior aos ovos, que não podem ser medidas por meio de números. Coisas sem as quais os ovos são coisas mortas. (2012, p. 104-106)

A denúncia profética apresentada é contra a pressão *publish or perish*, legada pela forma bancária e mercadológica adotada nas redes de ensino superior. Seguindo esse princípio, a docência perde o seu sentido primordial. O ensino cede lugar para a produtividade: “bote ovos ou sua cabeça será cortada” (2012, p. 106)

Como atuação profética, Alves convida para a celebração da *liturgia da vida* resistindo a pressões, preservando a autenticidade do ensino como elemento de transformação e para o desempenho do seu papel social.

Eu acho que o objetivo das escolas e universidades é contribuir para o bem-estar do povo. Por isso, sua tarefa mais importante é desenvolver, nos cidadãos, a capacidade de pensar. Porque é com o pensamento que se faz um povo. Mas isso não pode ser quantificado como se quantificam ovos botados. Sugiro que as nossas universidades, ao avaliarem a produtividade dos que trabalham nela, deem mais atenção ao canto do galo... (2012, p.107)

Apreendendo o poder espiritual dessas palavras não há quem, uma vez consciente de sua abertura para os desejos de transcendência, que não se sinta empoderado/a a resistir ou,

pelo menos, discernir os desvios provocados pelo paradigma mercadológico que envolve o ensino. Vejo nisto o apelo profético à conversão das estruturas acadêmicas e à destinação de seu objetivo fundamental: o desenvolvimento da capacidade de pensar de cada cidadão.

Com a espiritualidade alvesiana aprendo que a prática educativa não é apenas um sacerdócio, que me vincula tão somente a uma relação profissional com os espaços formais de ensino; mas um exercício profético, que abraço a partir do envolvimento com a educação como uma experiência mística fascinante!

Conclusão

Em 1990, Rubem Alves discursou o tema *E por falar em sonho* em uma solenidade de formatura da UNICAMP. Duas afirmações me chamaram a atenção: “Quem esquece do sonho, fica feio e envelhece depressa” e “Todo pequeno jardim tem um grande sonho de que todos se tornem jardins”.

Embalados pela espiritualidade alvesiana, sonhamos que um dia a realidade triste e indesejável, sobretudo na educação, se reverta. Lembrando que “... A tristeza tem sempre uma esperança/ De um dia não ser mais triste não” (Baden Powell e Vinícius de Moraes). Por isso saímos a semear a esperança e a sonhar com a beleza encantadora de uma realidade transformada, mesmo que não cheguemos contemplá-la. Concluo este artigo com uma metáfora da esperança que o nosso mestre espiritual e profeta compartilhou em outro texto, *Jardins*:

Pensei, então, que o ato de plantar uma árvore é um anúncio de esperança. Especialmente se for uma árvore de crescimento lento. E isso porque, sendo lento seu crescimento, eu plantarei sabendo que nem vou comer dos seus frutos, nem vou me assentar à sua sombra... Eu a plantarei pensando naqueles que comerão dos seus frutos e se assentarão à sua sombra. E isso bastará para me trazer felicidade! (Alves, 2012, p. 202)

Referências

- ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982
- _____. *Poesia, profecia e magia*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.
- _____. *E por falar em sonho* (Discurso de formatura). Campinas: UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qk58UbaH-iM> (visitado em 19 de novembro de 2018).
- _____. *Creio na ressurreição do corpo*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2003
- _____. *O enigma da religião*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2008.
- _____. *O que é religião?* 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2012.

- _____. *Lições do velho professor*. Campinas: Papirus, 2013.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Creer y Vivir*. Salamanca: Singueme, 1974.
- _____. *Sociologia de La Iglesia: Sanctorum Comunio*. Salamanca: Sigueme, 1980.
- _____. *Resistência e Submissão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- BORN, A. Van den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DUCHESNEAU, Claude. *A celebração da vida*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje* (Série Colmeia fascículo 1). São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: Aste, 1996.
- MESQUITA, Evandro. *Andar no céu*. In: MESQUITA. *Planos aéreos*. Polygram, 1988. LP. Faixa 3.
- SILVA, Anaxsuell Fernando. *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014. (Tese de doutorado).
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- _____. *Dinâmica da fé*. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.